



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR DE EDUCAÇÃO**

**XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE  
EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL.**

## **GÊNERO E SEXUALIDADE COMO TEMA NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS**

Roberta Ferreira Cavalcanti

Nilson Fernandes Dinis

(Universidade Federal do Paraná)

robertaferreiracavalcanti@yahoo.com.br

A sexualidade é um tema que é debatido na sala de aula, pois esta questão está sendo cada vez mais discutida na mídia e na sociedade em geral. Assim, torna-se necessário verificar como estão sendo preparados academicamente os/as futuros/as professores/as para debater tal questão. Para isso foi utilizado um questionário investigativo aplicado em formandas/os do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. O perfil dos sujeitos investigados é de alunos/as que estão cursando o último ano, visto que busca-se entender a contribuição do curso nas suas representações sobre sexualidade e gênero. Os resultados apontam que a maioria é composta por indivíduos do sexo feminino e que apresentam em média a idade de 24 anos. A maioria ressalta que a questão da sexualidade foi debatida em algumas das disciplinas do seu curso, entre elas as seguintes: Psicologia da Educação, Biologia Educacional, Sociologia e Metodologia do Ensino da Educação Física. Afirmam ainda considerar importante a discussão deste tema para uma formação acadêmica de qualidade, pois nem sempre se sentem seguros a discutir tais questões por falta de um maior embasamento teórico. Portanto, ressaltam que há necessidade de um espaço maior para o tema no currículo, visto que nem sempre foi tratado com a devida importância e profundidade, como avaliam os próprios discentes por meio dos questionários investigados.

Palavras chaves: sexualidade, gênero, formação de pedagogos.

Atualmente o corpo, a sexualidade e o gênero são temas muito debatidos socialmente, por isso é necessário verificar se a atual formação acadêmica do/a pedagogo/a está contemplando estes temas em sala de aula. Visando formar um professor/a ou pedagoga/o que esteja apto para trabalhar estas questões, enquanto educador/a. Contudo para se discutir as questões de gênero e sexualidade é necessário antes conceituar cada um destes termos e ao mesmo tempo diferenciá-los de sexo.

Sexo significa o características biológicas que definem o que é ser macho ou fêmea na espécie humana. Segundo Louro (1998) não é o sexo que representa um ser masculino ou feminino. Portanto, não é apenas o sexo que irá determinar os comportamentos de uma pessoa. Apesar de normalmente as pessoas se comportarem “de acordo” com seus sexos. Por exemplo, é comum antes mesmo de uma criança nascer a família já saber o sexo dela, e a partir do resultado criar expectativas, comprando inclusive objetos como roupas, armários, acessórios, etc, que sejam “adequados para o sexo” da criança. Por isso desde que nascemos os conceitos de sexo, sexualidade e gênero não se apresentam claramente como coisas distintas.

Já o conceito de gênero é um conceito amplo, diferentemente de sexo, não se restringe aos aspectos biológicos, envolvendo também aspectos psicológicos e sociais. É o conjunto de representações construídas social e culturalmente acerca do que é ser feminino e masculino. Pode-se conceituar gênero como sendo “todas as formas de construção social, cultural e lingüísticas implicadas com os processos que diferenciam homens de mulheres, incluindo aqueles processos que produzem os corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade” (MEYER, 2003, p.16).

O gênero representa um processo de informações que ao longo do tempo, por meio de instuições e práticas sociais, constituem a “figura” do homem e da mulher. É uma questão cultural pois o gênero masculino que existe na América, por exemplo, não é o mesmo que se encontra no Oriente Médio. Por ser um conceito que é criado e repassado pela sociedade a escola representa uma das principais vias da formação do gênero na criança. Conforme Louro (1998) a escola é uma instância social e, portanto, um espaço sexualizado e generificado. Na qual estão presentes concepções sexuais e de gênero e, que histórica e socialmente, constituem uma determinada sociedade. Sendo, portanto, a escola uma ativa construidora de identidades de gênero e sexuais.

Já a sexualidade, diferentemente de sexo e de gênero, representa as distintas formas culturais de experimentar prazeres e desejos corporais na relação com o próprio corpo e/ou com o corpo do outro. Nelas estão implicadas a orientação

sexual do sujeito (homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, etc). O conceito de sexualidade nos remete a uma variação temática enorme, porém as escolas quando tratam do assunto optam por restringí-lo a algumas doenças e métodos contraceptivos pensando sempre a heterossexualidade como uma maneira natural e universal de exercício da sexualidade.

Conforme Oliveira (1998) existe uma prática social que costuma reduzir o termo sexualidade apenas ao seu caráter reprodutor, nega o sexo como fonte de prazer e aponta o papel da sexualidade somente como um meio para reprodução da espécie. Ainda, segundo Louro (2003) é comum as escolas tratarem os temas sexualidade e gênero como sendo sinônimos. Padronizando um modo único e adequado do que é o masculino e o feminino, ofertando apenas de uma única maneira a sexualidade. Alvarenga e Igna (2004) também afirmam que as escolas discutem a educação sexual apenas no que diz respeito às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e prevenção da gravidez. O fato de as escolas discutirem apenas os métodos contraceptivos e as DST também é explicado por Oliveira:

Num país onde o sistema público de saúde está longe de atender às necessidades mais básicas da população e de resolver seus problemas mais antigos, não é de estranhar que o atendimento de novas demandas, como a prevenção da gravidez precoce e das doenças sexualmente transmissíveis dos jovens (consequência direta da atividade sexual), tenha sido relegada. Assim, aliada à crescente sexualização da sociedade, surgiram, mais recentemente, dois fenômenos de características epidêmicas: a gravidez na adolescência e a AIDS....Por isso, a educação tem sido usada como a principal estratégia para a transmissão das informações julgadas importantes para prevenir a gravidez e as DST. (OLIVEIRA, 1998, p. 98)

Contudo, apesar de algumas vezes as escolas quererem se eximir ou restringir as discussões sobre a educação sexual, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1997) a escola deve ser responsável por discutir as seguintes questões, como temas transversais, que dividem-se em três eixos principais: o corpo, como sendo a matriz da sexualidade, as relações de gênero e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Apesar desta responsabilidade, conforme Louro (2003), os educadores são vulneráveis, se sentem inseguros, e sem qualquer preparo para discutir os temas de gênero e sexualidade. Principalmente, a partir de 1960, quando alguns paradigmas

tradicionais são questionados mais intensivamente. A figura do homem branco, heterossexual e de classe média começa a ser questionado. Surgem movimentos sociais que apresentam uma nova cultura, complexa, desarmoniosa e descontínua, que passam a ganhar não só importância, mas também passam a ser foco de atenção da mídia.

A televisão que é um dos principais meios de transmissão de informações em massa, passou a ter como temas dos programas questões de gênero e principalmente a sexualidade. Surgiram até programas como o *Fica Comigo Gay*, na MTV, que era destinado a uma parcela da população que passou a ser vista como separada do considerado normal, o homossexual. Com isso, ao longo dos programas, como afirma Soares (2003), constituía-se uma “figura” do homossexual e por consequência, também, a do heterossexual.

Diante deste contexto, é possível questionar : “Será que a sexualidade é um tema para ser tratado de maneira transversal?”, “Como estão sendo formados os futuros profissionais da educação, que terão que discutir estes temas em sala de aula?”

Para tentar esclarecer algumas destas questões foi feita uma pesquisa com discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. A amostra foi composta por 94 estudantes do 4º ano (último ano). Foi utilizado um questionário investigativo que pode ser subdividido em 3 partes: dados pessoais, o tema da sexualidade na formação acadêmica e representações sobre sexualidade e gênero.

Em relação aos dados pessoais foi perguntado a idade, o sexo, o curso e a turma, não foi necessário identificar o nome. A idade média da amostra foi de 25 anos, sendo 98% do sexo feminino e 2% do sexo masculino, todos do curso de Pedagogia.

Sobre o tema da sexualidade na formação acadêmica foi investigado se esta questão foi tratada em alguma disciplina durante a graduação, em qual disciplina e quais aspectos foram tratados. Ainda neste grupo de perguntas, foi questionado se o tema da diversidade sexual foi discutido e se a/o discente considera que este assunto seja importante para a formação do/a pedagogo/a. Também foi investigado

se o/as discentes já haviam lido algum livro sobre educação sexual, sexualidade ou diversidade sexual.

Os resultados obtidos a respeito destas questões apontam que: 68% dos investigados afirmam que o tema da sexualidade foi discutido durante a graduação, principalmente nas disciplinas de Psicologia da Educação, Biologia Educacional, Sociologia e Metodologia do Ensino da Educação Física. Os principais aspectos abordados foram DST-AIDS, gravidez, preconceito, reprodução e homossexualidade, entre outros.

Ainda, 59,6% afirmam que em nenhum momento do curso foi discutida a questão da diversidade sexual, embora 85% tenham afirmado considerar este tema relevante para a formação profissional. A pesquisa também constatou que mais que a metade dos/as acadêmicos/as (51%) já leram algum livro que discutisse sobre educação sexual, sexualidade ou diversidade sexual. Destes livros foram citados os títulos: “Como se ensina a ser menina.”, “Teoria e Prática da Homossexualidade.”, “Educação Sexual”, “De onde vem os Bebês.”

A terceira parte do questionário procurava investigar questões sobre as representações de sexualidade e gênero. Foram feitas as seguintes perguntas: Como você considera a educação sexual nas escolas?; Você tem alguma experiência em falar sobre sexualidade na escola?; Durante sua atuação como professor / a você já precisou resolver algum conflito ligado à sexualidade dos / as seus alunos / as?; Você se sentiu apto a trabalhar com esta questão, a partir das discussões realizadas durante sua graduação?; Você tem conhecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no que tange à Educação Sexual?.

A maioria das/os discentes (94%) considera importante a educação sexual nas escolas, 3% afirmaram que isto não é papel da escola, 2% não têm opinião formada e 1% considerou ser um tema desnecessário. Entre os/as respondentes 63,3% afirmaram não possuir nenhuma experiência sobre discutir sexualidade em sala de aula. A minoria (36,7%) já passou por alguma situação na qual tiveram que discutir o assunto com os alunos, principalmente sobre masturbação, preconceito, questões de gênero, homossexualidade, gravidez precoce. Em relação às/aos discentes 82% afirmaram não se sentir aptos/as para discutirem estes temas em sala

de aula, porque foram realizadas poucas discussões sobre o tema e também porque não foram aprofundadas.

As pessoas que afirmaram estar se sentindo aptas para as discussões (18%) justificam que estão aptas não apenas pelas discussões que ocorreram na graduação, mas também pelas experiências próprias de vida e pelas discussões realizadas ao longo da educação básica, ou então afirmaram que sim, mas não em função das discussões que ocorreram na graduação, mas por outros motivos, como pesquisa realizadas individualmente, desvinculadas da formação.

Em relação aos conhecimentos do que os Parâmetros Curriculares Nacionais postulam sobre Educação Sexual os resultados demonstraram que 27,6% das/os discentes não conhecem nada a respeito, a maioria (60,7 % ) afirmou ter pouco conhecimento e apenas 11,7% afirmou conhecer bem.

Ainda, foram feitas as seguintes questões sobre as representações de sexualidade e gênero: Você acredita que ser homem ou ser mulher é uma construção, biológica, cultural ou ambas?; Para você gênero e sexo são coisas iguais ou coisas diferentes?; O tema “gênero” foi tratado em alguma disciplina de seu curso?; Considera o tema “gênero” como sendo importante para sua formação?; Em relação à diversidade sexual você considera uma pessoa preconceituosa, não preconceituosa ou indiferente?.

A maior parte dos discentes (59,6%) afirmou considerar que ser homem ou ser mulher é uma construção biológica e cultural. Apenas 7% acreditam ser uma questão cultural e 32,9% ser apenas biológica. Sexo e gênero representam a mesma coisa para 16% dos acadêmicos e para 84% representam coisas diferentes.

A maioria dos estudantes (57,2%) afirmou que o tema gênero foi discutido durante a graduação nas disciplinas de Didática, Biologia Educacional, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação, Concepções e Métodos do Trabalho Pedagógicos e Trabalho Pedagógico Não-Escolar. A maioria dos/as estudantes (66%) afirmou que o tema “gênero” nunca foi discutido, apenas 34% afirmou que o tema foi debatido em sala de aula. Por meio destes resultados pode-se questionar se é possível uma formação tão diferenciada dentro do mesmo curso ou se ainda não existe uma exploração aprofundada do tema na graduação,

que faz com que alguns/algumas acadêmicos/as percebam que o tema está sendo discutido e outros não percebam.

Apesar de possivelmente não existir um consenso do que seja gênero, 82% das/dos discentes consideram o tema importante para a formação do/da pedagogo/a, porque afirmaram que: “é necessário saber trabalhar com a diversidade”, porque “representa uma construção social”, porque “trabalhamos na escola e na vida com diversos gêneros”, “para uma melhor compreensão dos próprios educandos”, “nos coloca em uma posição mais bem definida na sociedade”, “para que algumas pessoas tenham consciência do que é gênero, e que não é igual à sexualidade. É importante para a compreensão da realidade vivida na sociedade contemporânea (homem X mulher; homossexualidade X heterossexualidade; sexo frágil...)”.

O último resultado obtido demonstra que a maioria (51%) não se considera preconceituosa em relação à diversidade sexual, 32% se considera indiferente e 16,3% considera-se preconceituosa/o. Este dado (16,3% preconceituoso) representa uma parcela significativa, visto que estas pessoas serão educadoras e terão que conviver e trabalhar diretamente com a diversidade sexual nas escolas.

Todos estes resultados demonstram que o tema sexualidade é contemplado no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, porém o gênero não. O que não corresponde às expectativas dos/as acadêmicos/as e nem são tratados com a devida importância e nem com o devido aprofundamento. É importante destacar que existe uma conscientização da importância dos temas e do papel da escola para com eles/as. Esta pesquisa também confirmou a tese de alguns autores, como Louro, que afirmaram que os educadores não se sentem preparados para discutir estas questões em sala de aula.

Faz-se necessário um embasamento teórico mais aprofundado para os/as alunos/as, para isso deve existir um incentivo por parte das/dos docentes. Principalmente em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais, visto que a maioria dos/as acadêmicos/as afirmou ter pouco ou nenhum conhecimento do assunto.

Por meio desta pesquisa fica evidente a necessidade de se destinar mais espaços para trabalhar a sexualidade e o gênero na formação do/a pedagogo/a.

Sugere-se que sejam feitas novas pesquisas para verificar como os temas da sexualidade e gênero são discutidos em outras instituições que ofertam o curso de Pedagogia.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA C. F. L., IGNA D. C. M., Corpo e sexualidade na escola: as possibilidades estão esgotadas? In: MEYER E. D., SOARES R. F. R. (orgs.) **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

BRASIL/Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, v. 10, 1997.

LOURO L. G., Currículo, gênero e sexualidade- O “normal “, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, L. G., NECKEL, F. J., GOELLNER V. S. (orgs.) **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 41- 52.

LOURO L. G., Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 85-96.

MEYER E. D., Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, L. G., NECKEL, F. J., GOELLNER V. S. (orgs.) **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 9-27.

OLIVEIRA D. L., Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: MEYER, D. E. E. (org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 85-96.



SOARES R., Fica Comigo Gay- O que um programa de TV ensina sobre uma sexualidade juvenil? In: LOURO, L. G., NECKEL, F. J., GOELLNER V. S. (orgs.) **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 136-148.